

BAHIA

Arqueólogos investigam a costa do descobrimento

O objetivo dos pesquisadores é remontar a história do processo de ocupação da área para identificar quais grupos habitavam a região antes da chegada dos portugueses

CINTIA MEDEIROS
 ATN

SALVADOR - Cinco séculos após a nau de Cabral ter aportado na chamada costa do descobrimento - entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália, na Bahia - a região é ocupada por grupos de pesquisadores e arqueólogos dispostos a remontar a história do processo de ocupação da área. Há dois anos, arqueólogos ligados ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia fazem o mapeamento da faixa costeira e do interior para identificar quais grupos habitavam a região antes da chegada dos portugueses.



Cabral: após cinco séculos

Até agora, segundo o vice-diretor do museu, Carlos Etchevarne, os arqueólogos já identificaram pelo menos 30 sítios arqueológicos, que são da era pré-colonial e também os considerados sítios de contato, que revelam o convívio inicial entre os índios tupi - habitantes da região na época do descobrimento - e os recém-chegados.

Um dos principais sítios do período anterior ao descobrimento já localizado é o de sambaquis, depósito antiquíssimo de conchas e cascos de ostras. Os sambaquis encontrados são fluviais e ficam às margens dos Rios Buranhém e João de Tiba, em Porto Seguro.

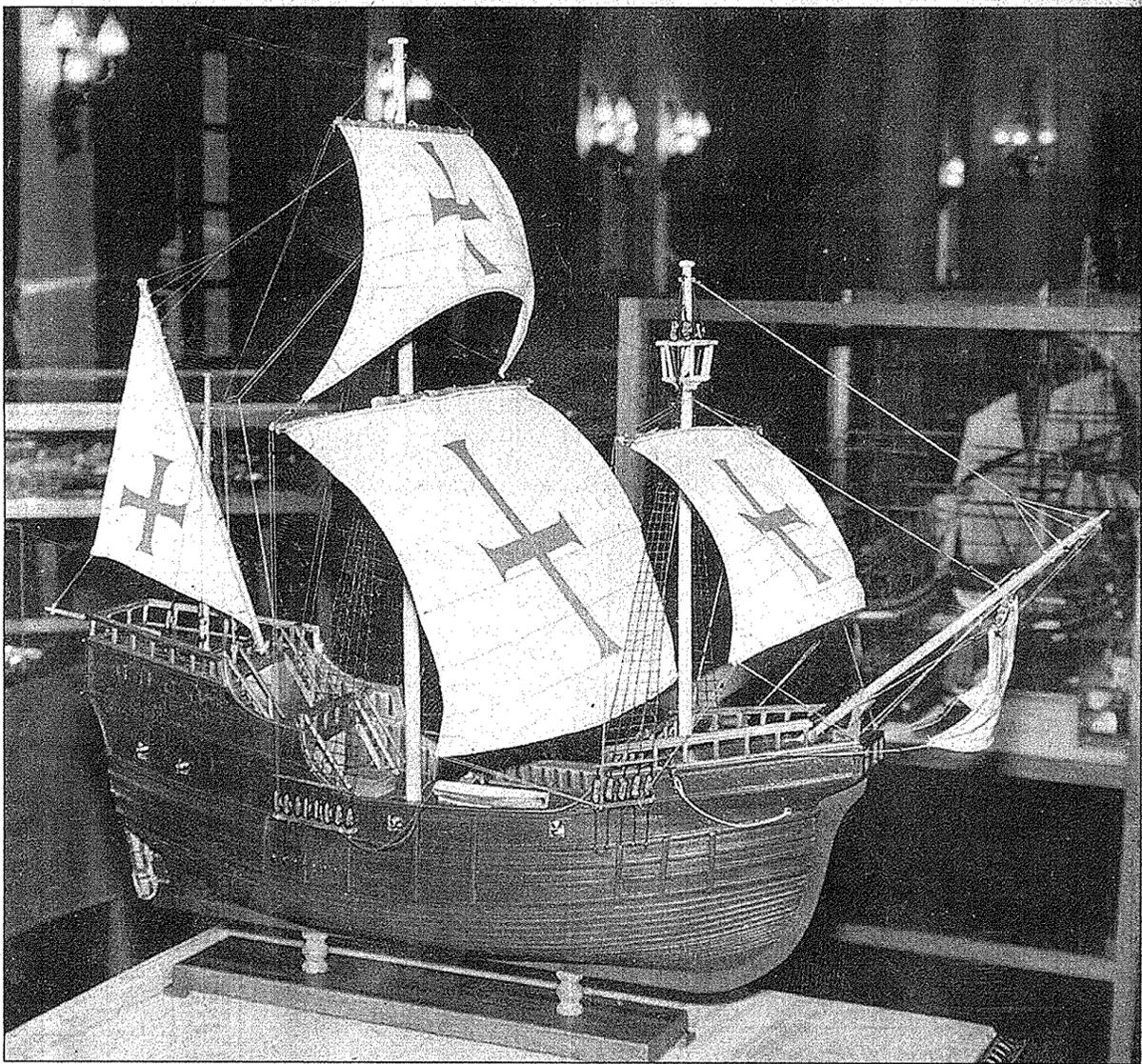
Grupos tupi-guarani podem ter sido os habitantes dos sítios ceramistas recentemente localizados. Os sítios, de pequeno e grande porte, possuem diversos objetos de cerâmica utilitária. De acordo com Etchevarne, as peças foram decoradas com tinta branca, preta e vermelha e podem ter sido utilizadas no processamento da mandioca, alimentação básica desses grupos.

Para o arqueólogo Luis Augusto Viva do Nascimento, um dos responsáveis pelo projeto, o objetivo do trabalho não é apenas desvendar o tipo de ocupação territorial dos habitantes do período anterior a 1500. Mas também como se deu o contato nos primeiros séculos de ocupação e como eram as instalações portuguesas.

O maior deles foi um engenho de cana-de-açúcar do século 16, no qual há fragmentos de material português e de cerâmicas indígenas. Outro sítio de contato foi localizado em Vale Verde, Porto Seguro: uma antiga missão jesuíta, do século 17, que ainda conserva o traçado original com praça e igreja.

A história do contato acabou por diluir-se com a extinção da população indígena, seja por incorporação à população branca - miscigenação - ou extinção de grupos por doenças.

"Nosso trabalho é encontrar respostas para conhecermos qual a tecnologia utilizada nas ferramentas, hábitos, tipo de ocupação territorial, economia, alimentação, rituais funerários desses grupos que povoaram a região", acrescentou Carlos Etchevarne.



Uma das réplicas da nau: para a realização do projeto, foram permitidas algumas licenças históricas como maior conforto e segurança



A chegada dos portugueses ao Brasil: nau vai integrar uma frota que sairá de Lisboa no dia 9 de março



Contato entre religiosos e indígenas: apoio do Ministério das Relações Exteriores dos dois países

Festejos terão réplica da nau de Cabral Projeto resgata documentos da era colonial

A embarcação está sendo construída em Salvador e vai servir de palco para uma encenação

SALVADOR - No dia 22 de abril do ano 2000, o Brasil vai fazer uma viagem de volta ao passado. A viagem está prevista para ocorrer durante as comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento. Uma réplica da nau Capitânia - que aportou na Praia de Coroa Vermelha, entre Santa Cruz de Cabrália e Porto Seguro, na Bahia, trazendo a bordo Pedro Álvares Cabral - vai servir de palco para a encenação da chegada dos portugueses ao País. A réplica está sendo construída no Porto de Aratu, em Salvador.

Um dia antes da cerimônia oficial, que será transmitida para centenas de países, a nau Capitânia deixará o Porto de Aratu rumo à Praia de Coroa Vermelha. Ela vai integrar uma frota que sairá de Lisboa, no dia 9 de março, com previsão de chegada a Salvador no dia 15 de abril de 2000. Dessa frota, fazem parte o navio-escola Sagres, dois bacochoeiros construídos no século 19 - Santa Maria de Manoela e Creoula - além de duas réplicas das caravelas Boa Esperança e Vera Cruz, do século 15. As réplicas foram construídas em Portugal durante as

comemorações das grandes navegações portuguesas.

Na chegada, haverá a celebração de uma missa e o presidente da República vai receber uma carta que indicará possibilidades de desenvolvimento da nação. A carta será escrita pelo vencedor de um concurso nacional, promovido pela Academia Brasileira de Letras.

O projeto da nau foi preparado pelo Instituto Memorabilia, do Rio, e aprovado pela Comissão Nacional para as Comemorações de 5.º Centenário do Descobrimento do Brasil. Todo o projeto - orçado em R\$ 3 milhões - está sendo desenvolvido pelo Clube Naval, com a colaboração de patrocinadores como a Petrobrás. Segundo o contra-almirante Carlos Gadelha, um dos responsáveis pelo projeto, a embarcação estará concluída em dezembro de 1999.

Para a realização do projeto, foram permitidas algumas licenças históricas. Apesar de ser uma réplica, a nau atenderá a todos os requisitos de conforto e segurança. "Se fôssemos reproduzir a Capitânia com fidelidade, a Marinha não daria autorização para

que ela fosse ao mar, tal a precariedade das condições do navio segundo os padrões de hoje", disse Gadelha.

Todos os utensílios serão embutidos para não descaracterizar a nau. "Os navegadores daquela época eram desprovidos de medo e muito ousados; grande parte das naus construídas se perdia no mar e as que conseguiram chegar fizeram história", explicou o contra-almirante. Após as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, a nau Capitânia será exposta no espaço Cultural da Marinha, no Rio, durante seis meses.

Depois viajará pelos portos brasileiros para que o público possa visitá-la. "Será uma excelente oportunidade para as pessoas conhecerem as condições que os portugueses enfrentaram para descobrir o Brasil", afirmou o contra-almirante.

A caravela Boa Esperança - que acompanhará a nau Capitânia a Porto Seguro - já foi visitada por 30 mil jovens de Aporvela, em Portugal. As visitas são acompanhadas por professores, quando são revelados aspectos históricos. O mesmo será feito no Brasil. (C.M.)

São cartas, regimentos, decretos, relatórios que estavam em Portugal, entre outros países

ELAINE LIMA
 ATN

SALVADOR - Trinta e cinco mil documentos históricos da Bahia relativos ao período colonial, pertencentes a Portugal, acabam de ser entregues ao Arquivo Público do Estado, como resultado da primeira fase do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, realizado por seis alunos do curso de mestrado da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de Sergipe. Durante um ano e meio o grupo analisou e copiou, em 185 rolos de microfilmagem, 400 livros catalogados pelos colonizadores portugueses entre 1590 e 1830, numa operação que teve apoio do Ministério das Relações Exteriores dos dois países.

Entre os documentos estão pastorais, relatórios, relatos, queixas, pedidos de perdão, regimentos e decretos. Uma das pastorais, de 1764, repete severamente a maneira avançada como se comportavam as religiosas da época. O relato da expedição de Martim Afonso de Souza e uma batalha entre duas tribos, em

1531, merece destaque pela narrativa dramática e detalhada, segundo a diretora do Arquivo Público, Ana Amélia Nascimento.

O Projeto Resgate Barão do Rio Branco é resultado de um acordo de 1996, entre o Ministério da Cultura e a Secretaria da Cultura do Estado da Bahia, e é um segmento do Projeto Memória Histórica do Brasil Colônia, do Ministério da Cultura. O objetivo do projeto é o resgate de documentos históricos do Brasil que estão em outros países.

A diretora do Arquivo Público comemorou o recebimento do primeiro lote da documentação e a nova fase da instituição, que ganhou três novas salas de pesquisa e um setor de microfilmagem.

"Até agora, muitas pesquisas sobre a história administrativa, social, cultural, religiosa e econômica só podiam feitas em Portugal", afirma Ana Amélia. O primeiro lote de documentos está à disposição de historiadores, estudantes e pesquisadores. No início do ano serão entregues mais 200 rolos de microfilmes com 30 mil documentos do período colonial, pertencentes aos governos de Portugal, Es-

panha e Holanda, países que têm feito material sobre a história brasileira. Com a colaboração da Fundação Palmares e do Ministério da Cultura, será preparado um catálogo especial sobre o tráfico de escravos até 1823.

Na opinião do representante do Ministério da Cultura e coordenador do Projeto Resgate, Wladimir Murtinho, trata-se de um dos três mais importantes projetos desenvolvidos para marcar os 500 anos de história do Brasil, só comparável ao Museu de Aratu, em Porto Seguro.

De acordo com a coordenadora-geral do Projeto Resgate, Ester Bertolotti, o Brasil já conta com mais de 600 rolos de microfilmes nos quais estão compilados 110 mil documentos da época da colonização portuguesa. As primeiras investigações no acervo da Torre do Tombo de Lisboa, com documentos sobre a Inquisição, já estão em andamento. "A perseguição da Igreja chegou ao Brasil com os bispos e os cristãos novos, que eram os judeus fugidos da Europa e se diziam convertidos à religião católica para não responder aos inquiridos."

PROJETO DA
 EMBARCAÇÃO
 FOI ORÇADO EM
 R\$ 3 MILHÕES

PAÍS JÁ CONTA
 COM MAIS DE
 600 ROLOS DE
 MICROFILMES